

ARTIGO

Teoria do revestimento moral *versus* teoria da evolução da ética: a primatologia ataca a filosofia

Antonio Alves *

Resumo: A *teoria do revestimento moral* estabelece que a moralidade humana seria um tipo de fino verniz que se sobrepõe a um núcleo intrinsecamente egoísta, enquanto que a *teoria da evolução da ética* segue precisamente os estudos científicos da ética evolucionista, compreendendo que o ser humano é um animal intrinsecamente social. O presente artigo tem por objetivo tensionar essas duas posições através da obra e dos estudos do primatologista holandês Frans de Waal. Para tanto, examina-se a definição waaliana de egoísmo como fenômeno intencional, a crítica à metáfora do gene egoísta de Dawkins e a contraposição entre a visão dualista de Huxley que via a ética como uma vitória sobre a natureza, e a perspectiva continuísta de Darwin, segundo a qual a moralidade é um desdobramento dos instintos sociais já presentes em primatas.

Palavras-chave: Frans de Waal; Primatologia; Filosofia Moral; Ética Evolucionista.

Veneer theory *versus* theory of the evolution of ethics: primatology attacks philosophy

Abstract: The *moral veneer theory* posits that human morality would be a kind of thin covering that overlays an intrinsically selfish core, whereas the *theory of the evolution of ethics* follows precisely the scientific studies of evolutionary ethics, understanding that the human being is an intrinsically social animal. This article aims to tension these two positions through the work and studies of the Dutch primatologist Frans de Waal. To this end, it examines Waal's definition of selfishness as an intentional phenomenon, the critique of Dawkins's metaphor of the selfish gene and the contrast between Huxley's dualistic view, which saw ethics as a victory over nature, and Darwin's continuity perspective, according to which morality is an unfolding of social instincts already present in primates.

Keywords: Frans de Waal; Primatology; Moral Philosophy; Evolutionary Ethics.

1. Teoria do revestimento moral

A teoria do *revestimento moral* ou *teoria do verniz* (*Veneer theory*), foi proposta pelo primatologista holandês Frans de Waal¹. Trata-se de uma teoria que busca localizar de maneira

¹ Cf. Waal, 2023, p. 128.

crítica a posição sobre como renomados filósofos e cientistas, especialmente desde Thomas Hobbes, se posicionaram confortavelmente — porém de maneira *falsa e errada* — sobre suas explicações da moralidade humana. Conforme Frans de Waal, filósofos como Hobbes ou cientistas como Huxley e Dawkins explicaram a moralidade através da predominância do *egoísmo* e da ampliação da luta de todos contra todos (*homo homini lupus*), por conseguinte, deixando as ações altruístas aparecerem apenas como um fino revestimento (ou verniz), que encobriu nossa natureza intrinsecamente egoísta. A famosa máxima latina, *homo homini lupus* que significa exatamente *o homem é o lobo do homem*, foi popularizada por Hobbes, no entanto, seu autor foi o dramaturgo romano Plauto, conforme pode ser lido em sua obra *Asinaria* (*A comédia do Asno*)². Waal aponta que há dois problemas nessa máxima:

- i) Ela não faz justiça aos canídeos que, na verdade, são os animais mais gregários e cooperativos do planeta, conforme apontado por diversas pesquisas contemporâneas (portanto, os canídeos não são essencialmente egoístas ou maldosos, como a máxima dá a entender).
- ii) A máxima nega a natureza social da própria espécie humana, incorrendo em um erro de interpretação a respeito da nossa moralidade se a considerarmos através de perspectivas científicas e evolucionistas³.

O erro de conceber o ser humano como intrinsecamente egoísta teria tido sua origem na ideia de que a vida social jamais teria chegado até nós de modo natural, pois no *estado de natureza*⁴ o ser humano possuía um estilo de vida inteiramente combativo que só pôde ser superado pelo surgimento da sociedade, das leis e do Estado. O ponto crítico de Frans de Waal é que não há um momento único que possa ser demarcado para explicar *como* nos tornamos seres sociais. Assim, antes de buscarmos por demarcações especiais para a explicação da moral, importa mais sabermos que descendemos de seres sociais, em outras palavras, a longa linhagem de macacos e símios que sempre viveram em grupos, não por luxo ou caprichos fugazes, mas sim por estratégia de sobrevivência. Presumir que no *estado de natureza* haveria luta de todos contra todos é um erro biológico porque o ser humano é uma espécie intrinsecamente social, tal como apontam os estudos da primatologia, além disso, há de se frisar que a evolução favoreceu os animais que se ajudaram,

² Cf. Plauto, 1894, p. 66.

³ Cf. Waal, 2020, p. 29.

⁴ É uma grande dificuldade filosófica a busca pela definição do que se entende por *estado de natureza*. Normalmente os contratualistas como Hobbes o compreendem como um período de *ausência de autoridade política*. É nesse sentido mais usual que apoio aqui a minha crítica. Em todo caso, entre os contratualistas, Holbach parece ter um pensamento mais apropriado sobre o estado de natureza (cf. Devellennes, 2022). Este filósofo, curiosamente, aponta o seguinte: “eu não digo, tal como Hobbes, que o estado de natureza é um estado de guerra: eu digo que os homens, por sua natureza, não são nem bons nem maus. Eles são igualmente dispostos a se tornar bons ou malvados conforme são modificados ou conforme lhes façam ter interesse em se uma coisa ou outra. Os homens só estão tão dispostos a prejudicar uns aos outros porque tudo conspira para dividir os seus interesses” (Holbach, 2010, p. 342).

pois ao fazê-lo, obtiveram benefícios de longo prazo em relação àqueles que agiram de modo excessivamente egoísta.

Para entender a crítica de Frans de Waal é preciso também que demarquemos o que ele entende por *egoísmo*, tendo-o classificado precisamente assim: “Egoísmo implica a *intenção* de servir a si; disso decorre o conhecimento do que se tem a ganhar segundo um comportamento específico” (Waal, 2020, p. 39). Na natureza, esse tipo de egoísmo pode ter um *sentido metafórico*, porque uma planta pode crescer demais por visar servir a si mesma, de modo que seu crescimento acabe por sufocar outras plantas mais fracas a sua volta. No entanto, não se pode dizer que tal planta é egoísta, exceto se o fizermos em um sentido figurado. É esse sentido figurado que Frans de Waal acredita ter sido o tratamento dado por Richard Dawkins em sua famosa obra *O gene egoísta* (1976), pois genes são meras fitas de DNA desprovidas de intenções. É por isso que, ao atribuímos egoísmo aos genes, estamos fazendo apenas em um sentido metafórico. Genes fazem o que fazem, por isso não podem ser egoístas ou altruístas⁵. O que Frans de Waal parece querer demarcar em sua compreensão de egoísmo é que não devemos confundir o sentido figurado com o sentido estabelecido pela *intencionalidade egoística*. Por isso, é aceitável descrever que os animais e seres humanos tenham evoluído através de interesses próprios, mas isso de modo algum exclui a evolução de tendências altruísticas, empáticas e compassivas.

Frans de Waal atribui a autoria da teoria do revestimento a Thomas Henry Huxley, cientista amigo pessoal de Charles Darwin que, justamente por causa dessa concepção, teria causado uma cisão com o darwinismo, mesmo tendo sido ele um dos seus maiores defensores. É famosa a palestra de 1893 proferida por Huxley para uma grande plateia de Oxford, publicada com o título *Evolution and Ethics*. Dessa palestra, é célebre a analogia de Huxley comparando a humanidade com um jardineiro que tem dificuldades para cultivar seu jardim livre de pragas e plantas invasoras. As pragas são análogas ao estado de natureza e o jardineiro é análogo à espécie humana tentando manter a moralidade livre de ímpetos naturais e animais. Em suma, Huxley “via a ética humana como uma vitória sobre o processo evolutivo desordenado e hostil [...] Huxley estava dizendo, na prática, que o que nos torna humanos não pode ser explicado pela teoria da evolução. Podemos vir a ser morais apenas por oposição à nossa natureza” (Waal, 2020, p. 33-34). O consenso é que Huxley foi mal compreendido a partir dessa palestra. Tanto foi assim que, posteriormente, ele publicou *Evolution and Ethics – prolegomena* (1894), para tentar melhor explicar suas ideias. É nos prolegômenos que aparece a analogia das pragas e do jardineiro.

O que Huxley buscou apontar é que o processo cósmico da evolução que deu origem a toda a natureza selvagem foi transformado pelo ser humano em um jardim. Se antes, na palestra de 1893,

⁵ Cf. Waal, 2023, p. 126-127.

dizia-se que “o progresso social significa conter o processo cósmico [...] cujo objetivo não é a sobrevivência daqueles que porventura sejam os mais aptos em relação ao conjunto das condições vigentes, mas sim daqueles que são eticamente os melhores” (Huxley, 1893, p. 81 – tradução minha), no *Prolegômeno*, o que se pode ler é o seguinte:

Não apenas o estado de natureza é hostil ao estado de arte do jardim; mas o princípio do processo hortícola, pelo qual este [o jardim] é criado e mantido, é antitético ao do processo cósmico. A característica deste último é a intensa e incessante competição da luta pela existência. A característica daquele [o processo hortícola] é a eliminação dessa luta, pela remoção das condições que lhe dão origem. A tendência do processo cósmico é promover o ajuste das formas de vida vegetal às condições atuais; a tendência hortícola é o ajuste das condições às necessidades das formas de vida vegetal que o jardineiro deseja cultivar (Huxley, 1894, p. 13 – tradução minha).

Em outras palavras, o jardineiro é equivalente ao ser humano moral. Ele é aquele que determina os rumos pelos quais quer que a sociedade seja construída; quais tipos de sentimentos irá priorizar em detrimento de outros; quais ele irá tentar eliminar para que a sociedade siga cada vez mais ajustada de acordo com aquilo que ele espera de resultado das relações sociais, etc. O que Frans de Waal coloca na conta de Huxley é que este parece ter dado um tom especial para a forma como o ser humano derrubou o antigo regime pelo qual a natureza seguia seu desenvolvimento. Em verdade, Huxley parece ter acreditado que o ser humano foi responsável por fazer a evolução dar um *salto*, indo contra a clássica afirmação evolucionista *natura non facit saltum* (a natureza não dá saltos), tantas vezes afirmada por Darwin e outros naturalistas.

Para Huxley a ética seria uma ruptura radical em relação aos avanços biológicos da evolução. Seguindo a atribuição de Huxley como aquele que deu ensejo para a intuição da ideia da teoria do revestimento e também as ideias de Hobbes a respeito do egoísmo humano, Frans de Waal também concebe que Freud parece ter dado um bom exemplo para estruturar como há uma conexão dualista para o desenvolvimento da moral ao ter enfatizado que somos em parte natureza e em parte cultura e não um todo bem integrado⁶.

Diz Freud, em *O mal-estar na cultura*:

Homo homini lupus; quem, a partir de todas as experiências da vida e da história, terá coragem de contestar essa máxima? [...]. A existência da inclinação agressiva, que podemos perceber em nós mesmos e com razão supor nos outros, é o fator que perturba nosso relacionamento com o próximo e força a cultura a dispêndios. Em consequência dessa hostilidade primária dos homens entre si, a sociedade aculturada está constantemente ameaçada pela ruína [...]. A cultura precisa fazer de tudo para impor limites aos impulsos agressivos do homem (Freud, 2014, p. 124-125).

Essas são, portanto, algumas das ideias que dão sustentação para a teoria do revestimento moral. É um erro pensar que Frans de Waal compreende o mundo moral como amigável e

⁶ Cf. Waal, 2020, p. 36.

hospitaleiro a partir de um otimismo ilusório apenas porque ele nega as interpretações que entendem o ser humano como essencialmente mau partindo de pensadores como Hobbes e Freud, tendo sido essa interpretação ampliada pelo legado de Huxley, que mesmo sendo um evolucionista, como vimos, discordou da interpretação de Darwin. Segundo Frans de Waal, nos tempos de Huxley a oposição mais ferrenha contra as posições dos dois mencionados ensaios que compreendem a “natureza cósmica” como um tipo de floresta selvagem e o homem moral como um “jardineiro” que ordena e organiza tal floresta, encontra-se no biólogo russo Piotr Kropotkin⁷.

A obra *Ajuda mútua* de Kropotkin pode ser classificada como um grande tratado sobre o altruísmo na natureza e sobre como esse altruísmo evoluiu até o mundo moral dos seres humanos. Para Kropotkin, Hobbes criou um fantasma que foi adotado pelos adeptos da visão pessimista da humanidade e, a partir da História, das guerras, da crueldade e da opressão, acabaram acreditando que essas disposições malignas são a regra invariável para a conduta humana. Para Kropotkin, o mal não pode produzir o bem e o estado de natureza hobbesiano é apenas uma suposição sem respaldo biológico e, curiosamente, ele também atribui responsabilidade a Huxley por ter sido aquele que ampliou a compreensão de que a luta de todos contra todos poderia ter uma interpretação darwinista e evolucionista (o que evidentemente é algo que tanto Kropotkin como Frans de Waal discordam).

Leia-se o seguinte trecho de Kropotkin:

A filosofia hobbesiana ainda tem muitos admiradores; e ultimamente surgiu uma tendência que, adotando a terminologia de Darwin, e não suas ideias principais, construiu um argumento em favor da visão de Hobbes sobre o homem primitivo e conseguiu até mesmo dar-lhe uma aparência científica. Como se sabe, Huxley foi o fundador dessa escola (Kropotkin, 2009, p. 73).

O que Kropotkin deixa claro é que a sociedade não foi criada pelo ser humano tal como contratualistas como Hobbes quiseram dar a entender. Na verdade, a posição dele é a de que a sociedade existe antes do homem, tal como pode ser observado em nossos ancestrais e em outros animais. A obra dele, portanto, tem como mote a certa ideia de que “a sociedade não foi criada pelo homem; mas é anterior a ele” (Kropotkin, 2009, p. 69). Além disso, Kropotkin estabelece que o estado de natureza foi idealizado para conceber uma falsa origem bestial para o ser humano⁸. Tudo isso é considerado em demasia em toda obra *Ajuda mútua*, para apontar que as guerras não foram o estado *normal* da existência em nenhum período da espécie humana, ao contrário, o que ocorria era que “enquanto os guerreiros se exterminavam mutuamente e os sacerdotes celebravam suas carnificinas, as massas continuavam levando sua vida cotidiana [...] que era baseada em suas próprias concepções de equidade, de ajuda e apoio mútuos” (Kropotkin, 2009, p. 94). Para Frans de

⁷ Cf. Waal, 2020, p. 38.

⁸ Cf. Kropotkin, 2009, p. 92.

Waal, a obra “*Ajuda mútua* de Kropotkin foi um ataque contra Huxley”, tendo sido escrita “sem recorrer a falsos pretextos, mecanismos de negação freudianos ou doutrinação cultural” (Waal, 2020, p. 39). Por “doutrinação cultural”, entenda-se a concepção de *homo homini lupus* ter sido tratada como uma espécie de, por assim dizer, *doutrina oficial* para a discussão da origem ou da fundamentação da moral.

É esse o caso, que também pode ser observado até mesmo no paradoxalista e memorialista homem do subsolo do romancista Dostoiévski que, seguindo ideias do historiador Henry Thomas Buckle, em meio às suas elucubrações psicológicas, afirma “que o homem é suavizado pela civilização, tornando-se, pouco a pouco, menos sanguinário e menos dado à guerra” (Dostoiévski, 2000, p. 35). Essa doutrina oficial também pode ser concebida através de outros filósofos, quando pensamos, por exemplo, no alto valor dado ao egoísmo por Schopenhauer em *Sobre o fundamento da moral* ou por Paul Rée em *A origem dos sentimentos morais*. O primeiro aponta que “A motivação principal e fundamental, tanto no homem como no animal, é o *egoísmo*, quer dizer, o ímpeto para a existência e o bem-estar” (Schopenhauer, 2001, p. 120), aparentemente, embora sem deixar exatamente claro, Schopenhauer parece fazer uma divisão entre o egoísmo metafórico e o egoísmo intencional (que nos seus termos são chamados de *egoísmo teórico* e *egoísmo prático*⁹). Em todo caso, há nuances que diferenciam sua concepção daquela anteriormente exposta em Frans de Waal.

O *egoísmo teórico*, para o filósofo, significa uma posição insustentável de que só minha consciência existe, sendo todo resto, meros fantasmas. O que sustenta esse tipo de egoísmo de viés puramente epistemológico é que só podemos conhecer o mundo a partir de nossa representação. Se tudo que conheço é minha representação, então significa que eu poderia duvidar da existência real de todo o resto que não seja eu. Ele é meramente teórico porque é puramente intelectual. O *egoísmo prático*, no entanto, é aquele que estabelece que todo ser (não apenas o ser humano) coloca seu próprio prazer, bem-estar e sobrevivência acima de todo o resto; não se trata de uma maldade calculada, mas um impulso natural, portanto, um tipo de egoísmo cego e não gerido pela intencionalidade, nos moldes sugeridos por Frans de Waal. Ainda que Schopenhauer termine sua dissertação colocando o fundamento da moral na compaixão¹⁰, está claro que ele toma por base que a natureza humana é intrinsecamente egoísta, seguindo, portanto, a doutrina oficial. “O *egoísmo* é a

⁹ Cf. Schopenhauer, 2015, p. 122.

¹⁰ Pode-se compreender a fundamentação da moral de Schopenhauer a partir do seguinte: “Há, em suma, apenas *três motivações fundamentais* das ações humanas, e só por meio do estímulo delas é que agem todos os outros motivos possíveis. Elas são: a) egoísmo, que quer seu próprio bem (é ilimitado); b) maldade, que quer o mal alheio (chega até a mais extrema crueldade); c) compaixão, que quer o bem-estar alheio (chega até a nobreza moral e a generosidade). Toda ação humana tem de ser reconduzida a uma dessas motivações (embora duas delas possam agir juntas)” (Schopenhauer, 2001, p. 137-138).

primeira e a mais importante potência, embora não seja a única, que a *motivação moral* tem de combater” (Schopenhauer, 2001, p. 124).

Tratemos agora sobre Paul Rée. Partindo de uma perspectiva admitidamente evolucionista, diz que tanto o egoísmo quanto o altruísmo são instintos inatos, no entanto, há uma predominância do primeiro: “a força do instinto altruísta, na maioria dos homens, é menor do que a força do instinto egoísta” (Rée, 2018, p. 51). Interessantemente, Rée descreve que é uma questão de primeira grandeza entendermos por que o egoísmo foi concebido como mal e o altruísmo como bom. Ele acaba respondendo, por diferentes meios, que isso ocorreu por conta da *utilidade do altruísmo* e que, posteriormente, isso foi ampliado pelo *hábito*:

É preciso refletir que as duas coisas provêm de fontes distintas: o altruísmo é inato, uma herança de nossos ancestrais animais. A ideia de seu louvor, contudo, desenvolveu-se somente em um determinado nível cultural e tornou-se hábito para o indivíduo, ao longo de sua vida, como ocorre ainda hoje. Do mesmo modo é inato o egoísmo, o instinto de cuidar de si mesmo. Entretanto, esse instinto é designado como mau e censurável caso ele aspire à satisfação à custa dos outros: essa descrição evoluiu simultaneamente com o elogio do altruísmo, e foi associada por hábito ao instinto egoísta (Rée, 2018, p. 62-63).

Percebe-se claramente que as concepções de Paul Rée, ainda que deem ênfase ao egoísmo como sendo prevalecente em relação ao altruísmo, elas estão mais próximas daquilo que Frans de Waal concebe como a verdade sobre a moralidade humana, tal como veremos mais detidamente a partir de agora, ao tratarmos da *teoria da evolução da ética*, um ataque que a biologia e a primatologia fazem contra a filosofia e a doutrina oficial assumida através dos desdobramentos da máxima *homo homini lupus*.

2. Teoria da evolução da ética

Para compreender a *teoria da evolução da ética*, devemos começar mencionando que Darwin foi o primeiro a estabelecer e pontuar de modo claro que a espécie humana apresenta uma *continuidade com as leis da biologia* e, por conseguinte, com os animais não humanos, mesmo em se tratando do domínio moral. Foi disso que aparentemente Huxley parecia discordar em sua palestra e em seus *Prolegômenos*. Antes de prosseguirmos, portanto, leia-se abaixo o importante trecho de Darwin, extraído da primeira edição de *A origem do homem e a seleção sexual*:

Parece-me bastante racional a premissa de que qualquer animal dotado de bem marcados *instintos sociais* irá inevitavelmente adquirir um senso moral ou uma consciência, tão logo seus poderes intelectuais se tornem bem desenvolvidos, levando-o a alcançar um grau de desenvolvimento próximo daquele que o homem hoje possui (Darwin, 2021, p. 53 – grifo meu).

Conforme a ciência comprova, os seres humanos compartilham uma semelhança genética de 98% com chimpanzés e bonobos¹¹. Segundo Frans de Waal, uma das chaves de leitura para compreender a dificuldade entre determinar a moral como sendo egoísta ou altruísta está no fato de termos desenvolvido antes os estudos em chimpanzés do que em bonobos (esses últimos só foram classificados como *espécie* em 1929) e, por conseguinte, isso fez com que víssemos nossa espécie com mais características de chimpanzés do que de bonobos, dado que os chimpanzés de fato podem apresentar comportamentos agressivos enquanto os bonobos quase nunca são violentos: “Segundo análises de DNA, não há razão para preferirmos um ou o outro nas comparações conosco. Temos alguns genes em comum com os bonobos, mas não com chimpanzés, porém temos alguns genes em comum com os chimpanzés e não com os bonobos” (Waal, 2020, p. 162).

Embora no aspecto genético as nossas semelhanças com ambas as espécies sejam as mesmas, o mito do egoísmo intrínseco estaria mais condizente com nosso ancestral chimpanzé e não com os bonobos. Frans de Waal inclusive cita alguns primatologistas que deram destaque para a nossa herança comportamental com chimpanzés, mas que varreram nossa ancestralidade com bonobos para debaixo do tapete. São eles, especialmente Raymond Dart, Steven Pinker e Richard Wrangham¹². Bonobos não são violentos e beligerantes. Portanto, a sugestão implícita nos textos de Frans de Waal é que nossos aspectos egoístas e altruístas são heranças diretas de chimpanzés e bonobos, respectivamente.

Tanto a teoria do revestimento moral quanto a da evolução da ética partem de uma perspectiva evolucionista, mas a diferença fundamental entre elas está na *forma de transição moral*. A teoria do revestimento estabelece que passamos de um *animal amoral ao ser humano moral*, enquanto que a teoria da evolução da ética concebe que nós passamos de um *animal social para um animal moral*. A primeira é *dualista*, confrontando seres humanos e animais, cultura e natureza, sendo a moralidade uma escolha. A segunda, porém, é *unitária* e postula a continuidade entre os instintos sociais dos animais não humanos e a moralidade humana, portanto, todas tendências morais sendo vistas como produtos da evolução do comportamento animal. Segundo Frans de Waal, não há nenhuma evidência empírica para sustentar a teoria do revestimento moral, enquanto que a teoria da evolução da ética é sustentada por argumentos psicológicos, neurocientíficos e genéticos¹³. “Uma vez que Darwin via a moralidade como um produto evolutivo, ele imaginava um mundo eminentemente mais habitável que o proposto por Huxley e seus seguidores, que acreditavam em uma moralidade artificial culturalmente imposta” (Waal, 2020, p. 43).

¹¹ Esse número de 98% está em constante debate.

¹² Cf. Waal, 2020, p. 166-167.

¹³ Cf. Waal, 2020, p. 48.

Darwin, portanto, foi responsável por inaugurar os primeiros estudos que levaram até a concepção evolucionista da moralidade. Os principais que inauguraram essas concepções foram o já citado *A origem do homem e a seleção sexual* e também *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Este segundo livro foi responsável por inaugurar a ciência da *etologia*, esta, segundo Konrad Lorenz, “tem o direito especial de considerar Charles Darwin como seu santo padroeiro” (*Prefácio de Konrad Lorenz*, em Darwin, 2009, p. 9), mas talvez o próprio Darwin não se considerasse esse grande inaugurador em vista da quantidade de obras que ele conhecia, consultava e citava sobre as expressões e o comportamento moral dos animais não humanos.

Ocorre que a etologia só teve sua validação como ciência após ser empregado nela o princípio de evolução e isso ninguém antes de Darwin o fez. Esses predecessores viam as espécies como criações isoladas e muitas vezes elevavam as expressões humanas como sendo divinas e as expressões dos animais não humanos como resultados do mero e depreciado estado instintivo; por isso, logo no início do livro, Darwin diz que “enquanto considerarmos o homem e todos os outros animais como criações independentes, não avançaremos em nosso desejo natural de investigar até onde for possível as causas das Expressões” (Darwin, *Introdução*, p. 19); daí sim, o mérito de originalidade pôde pesar em sua autoridade, como ele mesmo atesta, dizendo: “Aquele que admitir que, no geral, a estrutura e os hábitos de todos os animais evoluíram gradualmente, abordará toda a questão da Expressão a partir de uma perspectiva nova e interessante” (*idem*). Podemos pensar essa “nova perspectiva”, através da fundamentação da evolução pela *lei econômica da natureza*, ou seja, a *seleção natural*¹⁴, por conseguinte, um potente ataque de Darwin contra a aqui referida doutrina oficial, que não possui qualquer fundamentação empírica.

Cabe mencionar que em momento algum Darwin utiliza a expressão “etologia”, que, em termos etimológicos, significa exatamente *estudo do caráter*, ou para ser mais preciso, em termos científicos, *estudo do caráter por meio da evolução comparada das espécies*. Konrad Lorenz,

¹⁴ Pode-se chamar a seleção natural de *lei econômica da natureza*, pois ela foi inspirada nas teorias do filósofo e economista Thomas Malthus. É uma conta bem simples: como o crescimento do alimento não acompanha o crescimento populacional da civilização da Terra, decorre disso que em cada ambiente ecológico há um excedente de população e, assim, na falta de alimento, haverá disputa constante no objetivo de sobrevivência e, por conseguinte, equilíbrio via redução populacional. Esse é o *insight* que Wallace (um dos autores da prioridade da teoria) e Darwin tiveram e aplicaram na ciência e biologia lendo a obra de Malthus, *Ensaio sobre a população* (1983). Para deixar ainda mais claro, o apontamento de Malthus para explicar a crise da sociedade foi exatamente o seguinte: enquanto a população cresce de maneira *exponencial* e *geométrica* (2, 4, 8, 16, 32...), o alimento cresce apenas de maneira *aritmética* (1, 2, 3, 4, 5...). Como o crescimento do alimento não acompanha o crescimento populacional, a luta por sobrevivência é *inevitável*, justificando-se assim a variação e a adaptação das espécies (isto é, a *evolução*). Um exemplo simples de como entender a importância da luta na evolução é pensar que os leões sempre irão predar mais facilmente as zebras mais lentas; ao predarem as zebras mais lentas, os leões causam pressão seletiva para que as zebras mais rápidas deixem mais descendentes; o fato de as zebras correrem mais rápido, conseqüentemente causará pressão seletiva para que também sejam preservados apenas os leões mais rápidos. Assim ocorre em toda natureza: não apenas em termos de luta e sobrevivência, mas também em termos comportamentais e morais. É sempre justo mencionar que a prioridade da autoria da seleção natural também foi de Alfred R. Wallace (2003), embora este tivesse concepções de que as inclinações morais tomam um sentido mais huxleyano do que darwiniano.

certamente um dos mais notórios etólogos do século passado, inclusive laureado com o prêmio Nobel de Fisiologia de 1973, em seus *Fundamentos da etologia*, a definiu estritamente como a ciência do comportamento comparado, baseada “no fato de *que existem mecanismos comportamentais que evoluem filogeneticamente exatamente como os órgãos, e, assim, o conceito de homologia pode ser aplicado a eles da mesma forma que a estruturas morfológicas*” (1995, p. 141 – grifo do autor). O que Darwin fez e que depois a ciência robusta do século XX o seguiu, foi estabelecer que os comportamentos morais já estavam presentes nos animais, incluindo-se nesses comportamentos, não apenas as emoções negativas voltadas ao conflito e competição (como raiva, ódio e medo), mas também emoções altruístas voltadas para a capacidade animal de se colocar no lugar do outro (cooperação de grupo, empatia e senso de justiça)¹⁵. Portanto, a diferença entre animais foi estabelecida por Darwin como uma mera diferença de grau, nunca uma diferença ontológica. São tais ideias que Frans de Waal segue para estabelecer seu ataque contra a doutrina oficial, abonada por séculos por filósofos, conforme vimos anteriormente.

O sagaz modelo proposto por Waal como o melhor explicador da moralidade, seguindo a tendência darwiniana da evolução da ética, está na ideia da moralidade explicada a partir da analogia da *boneca russa*. Isso significa dizer que a moralidade não é uma camada superficial e recente, ou seja, um “verniz” que encobre uma natureza egoísta e amoral, mas sim o resultado de um processo evolutivo de sobreposição de camadas sociais. Assim como a boneca russa contém, em seu interior, outras bonecas menores que lhe deram origem, a moralidade humana contém e preserva disposições sociais, emocionais e éticas que já estavam presentes em nossos ancestrais primatas. Não há, portanto, um “início” da moralidade em um momento puramente humano (como o contrato social ou uma revelação divina), mas uma continuidade evolutiva; camadas mais antigas que se sobrepõem a camadas mais novas: empatia, reciprocidade, senso de justiça, capacidade de consolo, etc.

Frans de Waal aponta vários experimentos para demonstrar que a capacidade de consolo, o senso de justiça, sentimentos de gratidão e o interesse genuíno pela comunidade já estavam presentes nos chimpanzés e bonobos. Assim, concebe-se que a moralidade provavelmente evoluiu como um fenômeno intragrupal, considerando resolução de conflitos, cooperação e compartilhamento:

Todavia, a primeira lealdade de todo indivíduo não é com o grupo, mas consigo e seus familiares. Com a integração social crescente e a dependência da cooperação, os interesses compartilhados devem ter se tornado cada vez mais importantes, de modo que a

¹⁵ *Surpresa, vergonha, indignação, desprezo, desdém, nojo, riso, culpa e ciúmes* são apenas alguns dos sentimentos que Darwin trata em *A expressão das emoções no homem e nos animais*, para demonstrar que elas foram herdadas pela hereditariedade, pelo hábito e selecionadas cegamente pela natureza inerentemente evolutiva da Terra e da vida (cf. Darwin, 2009).

comunidade como um todo se tornou uma questão. *O maior passo na evolução da moralidade humana foi a transição das relações interpessoais para um foco com o bem comum.* Em símios, podemos ver os primórdios disso quando eles aparam arestas nos relacionamentos entre outros membros do grupo. As fêmeas podem reconciliar os machos após uma luta, mediando assim uma reaproximação, e os machos de alto escalão com frequência encerram lutas entre outros membros de modo imparcial, promovendo assim a paz no grupo. Vejo esse comportamento como um reflexo do *interesse pela comunidade*, o que, por sua vez, reflete a participação de cada membro do grupo para manter uma atmosfera cooperativa (Waal, 2020, p. 81 – grifos meus).

Destaca-se, assim, que não se pode falar em uma moralidade intrinsecamente egoísta. As guerras, as lutas e constantes injustiças que mancham jornais não são a regra daquilo que acontece na maior parte do tempo. Embora a vida transpasse por momentos turbulentos e o viés pessimista e niilista da existência requisite seus direitos, analisando de maneira rigorosa e precisa, na maior parte do tempo a grande maioria das pessoas vive apenas com dificuldades medianas ou pelo menos facilmente remediáveis. As pessoas não estão o tempo inteiro se matando ou roubando umas às outras, ainda que os noticiários deem destaque quase que exclusivamente para os acontecimentos exóticos e ruins da vida.

Foi essa falsa impressão de que o mundo é formado por maldade, egoísmo e calúnia que contaminou a nossa compreensão, fazendo-nos ter que decidir entre um dualismo simplista e falso (de que ou o ser humano é essencialmente mau por natureza ou essencialmente bom). Não existe essa divisão. Antes, o que existe é um ser inteiramente social que, através de suas relações de utilidade, vantagens e desvantagens, aprendeu e formou seu espírito moral por meio daquilo que lhe era mais vantajoso.

Referências bibliográficas

DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Prefácio de Konrad Lorenz. Trad. Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DARWIN, C. *A origem do homem e a seleção sexual* (Primeira edição de 1871). Tradução de Eugênio Amado. São Paulo: Garnier, 2021.

DEVELLENES, C. “Um quarto mosqueteiro da teoria do contrato social: o pensamento político do Barão de Holbach”. Tradução de Fábio Rodrigues de Ávila. *Kínesis*, Vol. XIV, nº 37, dezembro 2022, p. 157-181.

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

HOLBACH, B. *Sistema da natureza: ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Tradução: Regina Schöpke, Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUXLEY, T. H. *Evolution and Ethics: the Romanes Lecture*, 1893. In: HUXLEY Collected Essays. London: Macmillan, 1894. Disponível em: <http://aleph0.clarku.edu/huxley/CE9/E-E.html>. Acesso em: 25 jun. 2026.

HUXLEY, T. H. *Evolution and Ethics: Prolegomena*, 1894. In: HUXLEY Collected Essays. London: Macmillan, 1894. Disponível em: <http://aleph0.clarku.edu/huxley/CE9/E-EProlegomena.html>. Acesso em: 25 jun. 2026.

KROPOTKIN, P. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. Trad. Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A senhora editora, 2009.

LORENZ, K. *Fundamentos da etologia*. Tradução: Pedro Mello Cruz e Carlos C. Alberts. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

MALTHUS, T. R. *Princípios de economia política: e considerações sobre sua aplicação prática; Ensaio sobre a população* [Contendo também o texto de David Ricardo: *Notas aos princípios de economia política de Malthus*]. Coleção Os economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLAUTO, T. M. *Asinaria*. From the text of Goetz and Schoell. Editado por Joseph Henry Gray. Cambridge: Cambridge University Press, 1894.

RÉE, P. *A origem dos sentimentos morais*. Tradução: André Itaparica e Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I, 2ª edição revisada, tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLACE, A. R. “Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original” [2003b]. Trad. Marcio Rodrigues Horta. *Scientiae Studia*. Vol. 1, n.º. 2, p. 231-43, 2003.

WAAL, F. *Primatas e filósofos: como a moralidade evoluiu*. Edição e introdução Stephen Macedo e Josiah Ober: tradução de Maria Eugênia de Oliveira Vianna. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020.

WAAL, F. *Diferentes: o que os primatas nos ensinam sobre gênero*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

* Prof. Regente de Filosofia (UniCesumar). Mestre e doutorando em Filosofia (UEL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6545316263455915>
E-mail: antonio.alves@unicesumar.edu.br